

Confiança na educação

OS ALUNOS da Escola Municipal Paula Brito, na Rocinha, têm como heróis os marginais que ali controlavam o tráfico de drogas, garantindo esse império com o desfile permanente do terror armado. E têm como vilões os agentes da Polícia que na semana passada afugentaram os traficantes. Isto foi o que se viu em cartazes e redações solicitados aos alunos pela direção pedagógica da Escola, no dia seguinte ao episódio.

AREAÇÃO da maioria dos quase mil alunos da escola não deve surpreender. Única escola pública na Rocinha, a Paula Brito serve a uma clientela marcada por um quotidiano de frustrações: condições precárias de habitação, ausência de urbanização adequada, falta de saneamento básico, de postos de saúde, de opções culturais ou de lazer. E todo mundo sabe que frustrações acumuladas desembocam ordinariamente numa descarga incontrolada de agressividade, ao abrir-se uma primeira válvula de escape. Daí a identificação com um marginal como o Buzunga.

CONTUDO, essa identificação, mesmo corroborada pelo psicodrama informal montado pelos alunos nas horas de re-

creio — a brincadeira freqüente de bandido e mocinho, em que a preferência é por representar o bandido —, não se pode tomá-la como única e irreformável. Haverá outros heróis na penumbra do mundo ideal dos alunos da Paula Brito; e é pedagogicamente relevante descobri-los, inventariá-los.

O TRABALHO empreendido pelos professores deve revestir-se desse mérito: o mundo das instituições educativas, sobretudo as dos graus básicos, tem que ser solidário ao mundo das comunidades em que se encontram. A escola não pode ser abstrata e ideal em sua ação e métodos, embora deva manter-se idealista a toda prova, nos objetivos. Qualquer aprendizado, de técnicas ou de comportamentos, tem que partir da realidade concreta e mais imediata.

O DIAGNÓSTICO revelador oferecido espontaneamente pelos alunos é sumamente válido. Mas tomá-lo como decisivo e irreversível seria desperdiçá-lo: seria ignorar que ele se fez diante de um quadro que não é jamais estático, em primeiro lugar; e de um quadro, em segundo lugar, carregado de ambivalências.

E É justamente o que torna inaceitável e lamentável a pretensa neutralidade ética da

orientação firmada pela Diretora da Paula Brito: "As professoras não dizem o que é bom, ou o que é ruim." Neutralidade absurda e pedagogicamente malsã.

A BSURDA pela absolutização pressuposta, quer do bem, quer do mal; e pelo esquecimento da verdade corriqueira de ser o mal um bem que se deteriorou. Desse absurdo vem o conformismo fatalista, racionalização da neutralidade ética.

PEADOGICAMENTE malsã, porque a escola é instituição, não tanto pelo conhecimento em que inicia, quanto pela tarefa de socialização que cumpre. Ora, socializar é induzir à adesão a crenças, costumes e valores. O que faz da atitude de isolamento ético pretendida pela Diretora da Paula Brito um reforço tácito, mas bastante real, da marginalização. E uma ilusão, ademais: a marginalidade tem também sua moral peculiar; e castradora, às vezes, a mais não poder; donde, o recurso ao terror.

DESSA moral não comungará a Rocinha, ainda que carente de quase tudo. A menos que se veja o homem como mais habilitado para o embrutecimento que para a educação. Estaria perdida, então, qualquer confiança na educação.